

O CENACULO

REDACÇÃO:

DARIO VELLOZO,

SILVEIRA NETTO, *Secretario*; JULIO PERNETTA, *Thezoureiro*;

ANTONIO BRAGA.

~~~~~  
SUMMULA :

|                                                           | PAG. : |
|-----------------------------------------------------------|--------|
| I CONFERENCIAS RELIGIOSAS, de Chichorro Junior . . . . .  | 65     |
| II LE PÉNITENT, por Iwan Gelkin . . . . .                 | 77     |
| III A EVOLUÇÃO, pelo Dr. Carvalho de Mendonça . . . . .   | 78     |
| IV DO «FUNERAL», de Silveira Netto . . . . .              | 81     |
| V O CONSORCIO DE CARMEN, de Dario Vellozo . . . . .       | 84     |
| VI A CAPELLA DE S. FRANCISCO, de Julio Pernetta . . . . . | 90     |
| VII RESPIGAS . . . . .                                    | 93     |

~~~~~  
Março de 1896

—
Paraná-Coritiba

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

DO

Padre Dr. Julio Maria

III

«O atomo, o mineral, o vegetal, o animal, o homem—eis a synthese do mundo feita pela propria sciencia.»

(TERCEIRA CONFERENCIA)

Suppunha-se antigamente que a materia era inactiva: os trabalhos da sciencia moderna têm demonstrado o contrario. Que necessidade temos nós de suppôr um agente exterior á materia quando a vemos todos os dias em constante movimento? Que necessidade ha, por exemplo, de suppôr que uma força, uma entidade qualquer exterior, conduz os astros atravez do espaço? Não é mais simples considerar essa força como inherente aos proprios astros, á materia de que são elles constituídos?

Todos os phenomenos naturaes reduzem-se, em ultima analyse, aos movimentos primordiaes das particulas elementares da materia. O calor, a luz, a electricidade, o magnetismo, a nervosidade são phenomenos devidos á sua actividade.

«Os corpos simples affirmam Deos, diz o sr. padre Julio Maria, porque os corpos simples são a materia despida da sua forma (?); a materia despida da sua fórma é incapaz de toda operação; se é incapaz de toda operação, ella não podia produzir as entidades superiores, e nem sequer a sua fórma(?).»

Destas suppostas verdades o eloquente prégador sagrado tira uma serie de consequencias que, como as premissas, não têm valor algum. Não se estabelece ahi uma verdade perfeitamente demonstrada; fazem-se affirmações gratuitas; e toda a argumentação gyra n'um circulo vicioso, n'uma petição de principio, como demonstrarei.

Façamos abstracção do estylo sacro, um tanto metaphysico quando refere se á «materia despida da sua fôrma», um tanto biblico quando nos fala das «entidades superiores.» Considere-mos a proposição na sua essencia. Affirma o sr. padre : «A materia é inconsciente ; não póde, portanto, produzir a intelligencia.»

Mas, não percebe o illustre sacerdote que está fazendo uma affirmacção gratuita ? Não ha, com effeito, razão nenhuma para se considerar inconsciente a materia. A pedra, por exemplo, não tem intelligencia ; mas não vemos esta manifestar-se na materia cerebral ? O oxigeneo é um gaz inodoro ; segue-se que todos os corpos o sejam ? A agoa, combinação chimica de hydrogeneo e oxigeneo, não tem as mesmas propriedades dos seus componentes. Porque a materia cerebral não poderá manifestar propriedades que não se encontram isoladamente nos seus elementos constitutivos ? O que se diria do sabio que affirmasse que o carvão não produz uma chamma brilhante só porque no seu estado natural é elle negro e terno ? Não vemos nós em toda a serie animal a intelligencia produzir-se na materia ? Desde o seu estado rudimentar, manifestado nos seres inferiores, até o seu maior desenvolvimento, manifestado no homem, a intelligencia nos apparece na materia, sem duvida na materia cerebral, de grande complexidade, mas sempre na materia ; e não consta que até hoje tenha sido descoberta em outra parte. Como, pois, affirmar que a materia é inconsciente quando temos sob os olhos o exemplo do contrario ? Começa-se por asseverar, contra o testemunho dos factos, que a materia não tem intelligencia, para dessa affirmativa gratuita tirar-se a conclusão desejada. Não é isto uma petição de principio ?

Trata-se de saber justamente se a materia é intelligente, sim ou não. Os philosophos spiritualistas começam pela negativa para concluir pela necessidade de um creador. Circulo vicioso.

O que é necessario é estudar a natureza, observal-a, experimental-a. Mas este estudo não se presta aos intuitos do spiritualismo, porque conclue pela constatação de que a intelligencia é uma propriedade da materia, não de toda materia, mas da materia no maior grao de complexidade que conhecemos. O mesmo se dá a respeito de outras das suas propriedades.

O oxigeneo, que entra na composição das plantas, é inodoro, como já disse ; deste facto se concluirá porventura que a flôr não pode ter perfume ?

Todos os corpos que impressionam os nossos sentidos são

constituídos pela materia. Nós os conhecemos em virtude das propriedades que elles nos apresentam. Essas propriedades differem segundo a natureza dos corpos, segundo a sua quantidade, segundo as suas combinações. Todas ellas reduzem-se ao movimento atomico, ao movimento de translação e ás vibrações dos atomos e das moleculas.

O mundo não é mais do que o resultado da synthese e da analyse chimicas. O ether, condensando-se, produziu a nebulosa ; a nebulosa gerou o astro, a Terra. A planta, o animal são productos da chimica universal. Tal combinação produz o mineral ; outra, produz o vegetal ; outra, o animal. O ouro brilha ; o homem pensa. Que necessidade temos nós de attribuir o pensamento do homem a um ser que não conhecemos — a alma ? Porventura attribuimos a uma entidade desconhecida o brilho do ouro ? A intelligencia é uma propriedade do homem, ou, mais particularmente, do cerebro humano (1), do mesmo modo que o brilho é uma propriedade do metal. E, assim como não se inventa, por exemplo, uma entidade para *brilhar* por intermedio do ouro, assim tambem não se tem necessidade de uma alma para *pensar* por intermedio do cerebro. E' logico concluir que é o ouro que brilha, pois que é elle que nos impressiona desse modo, que nos apresenta tal propriedade. Porque não será logico concluir que é o cerebro que pensa, pois que é elle que nos apresenta tal propriedade, que até hoje não encontramos em outra parte ?

«Para a philosophia positiva, diz o dr. Robinet, não ha senão corpos em repouso ou em movimento, aptos para agir ou em exercicio, no estado estatico ou no estado dinamico, e em ambos os casos apresentando propriedades diversas ; jamais, porem, o ser ou o organ que manifesta as propriedades de extensão, de movimento, de gravidade, de som, de luz, de sensibilidade, de motilidade, etc., poderá ser separado dessa mesma propriedade, que é um dos seus proprios attributos, um dos seus modos de ser e uma das suas qualidades intrinsecas. Os corpos estão em equilibrio ou em movimento, são pesados, sonoros, luminosos, electricos, sensiveis, contracteis, etc. ; jamais, porem, o equilibrio, o movimento, o calor, o magnetismo, etc., existem isoladamente, no estado de entidades independentes da propria materia, inorganica ou organica, da qual essas propriedades nada mais são do que attributos inseparaveis.

(1) Digo do cerebro humano para simplificar ; mas todos os animaes têm intelligencia.

«E' por um artificio logico, por uma operação do nosso espirito, pela abstracção, em uma palavra, que nós separamos dos corpos as propriedades que elles possuem, para estudal-as mais proveitosamente.

«Aos olhos da philosophia positiva, que vê as cousas como ellas são, não ha portanto nem *transcendencia* nem *immanencia*. As propriedades nada mais são do que as substancias em *accção* ; e os substantivos pelos quaes se designam os attributos communs a todos ou a alguns corpos não representam seres reaes, porem imagens do exterior, abstraídas pelo nosso cerebro ; não ha nem *gravidade*, nem *calor*, nem *vida*, etc., porem *corpos pesados*, *quentes*, *vivos*, em uma palavra, corpos dotados destes differentes modos de existencia. Emfim, a materia é eminentemente *activa*, não só aquella denominada organica, que apresenta as elevadas propriedades de sensibilidade e motilidade, mas ainda a que se denomina inorganica, que possuiue todas as propriedades physicas e chimicas.» (2)

A sciencia experimental demonstra, pois, que a intelligencia é uma propriedade da materia, assim como o é a gravidade, o calor, a vida, etc. Não basta affirmar a necessidade de uma força superior intelligente, exterior á materia, para crear os seres intelligentes : é necessario provar a affirmacção. Não basta dizer que é a *alma* que pensa : é necessario dar a demonstracção dessa affirmativa. Alem disto, tal soluçào, apezar dos esforços dos doutores do espiritalismo, nada resolve, nada explica. Se o cerebro, que podemos estudar e examinar, e do qual vemos surgir a intelligencia, não *pensa*—que razão temos nós para suppòr que uma entidade que não vemos, que não podemos estudar nem examinar, possuiue esse attributo ? Tal argumentacção não consiste porventura em recuar a soluçào do problema, longe de resolvel-o ? Nega-se o pensamento ao cerebro quando deste é que o vemos surgir ; e affirmase que é elle o producto de uma entidade que não conhecemos ! E' o mesmo que sustentar que o perfume de uma rosa, por exemplo, não é producto da mesma rosa, porem de um poder occulto, que manifesta-se exactamente por intermedio da rosa !

Eis, portanto, em que consiste a petição de principio. O sr. padre dr. Julio Maria considera como verdade justamente o que propõe-se provar. Não se póde, com effeito, affirmar que a materia é inconsciente, quando a observacção nos mostra o contrario.

(2) *La Philosophie positive.*

Póde-se, é verdade, sustentar que tal ou tal corpo é inconsciente ; mas a premissa neste caso é insufficiente para compor-
tar a conclusão desejada.

A Sciencia não tem necessidade do Motor Immoveel de Aristoteles, nem do Inconsciente de Hartmann, nem da Harmonia preestabelecida, nem da Causa efficiente, para explicar os phenomenos da natureza. São «hypotheses actualmente desnecessarias», como diria Laplace. Pelo contrario, a Sciencia nos ensina que a materia, essencialmente activa, produz não só «as entidades inferiores, como as entidades superiores», isto é, em estylo profano, o verme e o homem ! (3)

IV

« A ordem da natureza, a successão ininterrupta das estações o movimento harmonico dos astros, as produções variadas da terra, tudo isso de um modo analogo á constituição do homem e adaptado ás suas differentes necessidades, são provas evidentes de que Deos não se limitou a crear o homem, mas o conserva, e véla por elle com a mais paternal e extremada sollicitude.»

(QUARTA CONFERENCIA)

Nesta quarta conferencia o orador repetio o assumpto da I, isto é, a *Theoria da intervenção divina nas sociedades humanas*. Como ja me occupei desta theoria no primeiro artigo, aqui tratarei somente da doutrina das causas finaes, da qual se occupou tambem o orador na conferencia a que me refiro.

Antes, porem, quero dizer algumas palavras sobre a historia sagrada.

« A historia do povo judeo, principalmente, diz o orador, não é senão uma serie de acontecimentos encadeados e dirigidos pela divina providencia, á qual, como nos ensinam as escripturas, estão sujeitos os povos e os reis, as nações e os seus legisladores ; porque é Deos que eleva e abate os thronos ; é por elle que

(3) A Sciencia, desvendando os arcanos da natureza, tem abalado profundamente os dogmas da Egreja. D'ahi a ira do clero contra as novas theorias, as quaes o sr. padre Julio Maria denomina de «cegueira do espirito e depravação do coração»; e exclama do alto da tribuna :

«Ha muito que a sociedade brasileira está de facto deschristianisada e que a influencia de Deos em todas as espheras sociaes foi annullada.» (*A Republica*, n. 50).

O sapientissimo, dignissimo e reverendissimo cura da cathedral, porem, não é da mesma opinião : oppõe-se formalmente ao seo collega, dizendo :

«Em decadencia a religião ! Isto prova que este moço não lê absolutamente nada, nada mesmo. Se lesse veria que nunca ella esteve como hoje em tão elevada posição.» (*A Republica*, n. 42).

Eis ahi como os dous sacerdotes se entendem : para um não ha mais religião, Deos foi annullado ; para o outro, a religião nunca esteve em posição tão elevada !

E' um verdadeiro *casus belli*... Mas, por meio da arte do *distinguo*, elles hão de chegar a um accôrdo porque, para *debellar a impiedade*, todos os meios são bons...

Risam tencatis ?...

os governantes governam, e os legisladores promulgam leis justas.» (1)

Tudo isto não passa de phantasia. A verdade é que a historia deste povo, segundo os textos sagrados, é uma serie de absurdos, não sei se «encadeados e dirigidos pela divina providencia,» mas em todo o caso sustentados e propagados pelos que se dizem seos representantes. Basta, para provar o que digo, o seguinte: Os judeos que crucificaram Christo eram precisamente os seos inimigos, os seos adversarios, os conservadores do tempo, e praticaram esse acto para «salvar a ordem e as boas doutrinas.» Jesus, na opinião delles, era criminoso e blasphemo. Logo, não fizeram «um sacrificio,» no sentido em que Abraham, por exemplo, «sacrificou ao Senhor seo filho Isaac.» Como, pois, a morte de Christo podia resgatar os crimes da humanidade se ella foi praticada, não pelos que acreditavam na sua missão divina, mas justamente pelos incredulos? Foi porventura o proprio Christo que desejou offerecer-se a seo Pae em sacrificio pela salvação do homem? Foram os Judeos, neste caso, instrumentos da vontade divina? Como explicar, pois, a maldição lançada sobre elles? Sae-se, pois, de um absurdo para cahir-se em outro.

Deixemos, porem, a doutrina da intervenção divina, já sufficientemente esclarecida no meo primeiro artigo, e tratemos da *Theoria da Finalidade*.

«Tudo, diz o sr. padre Julio Maria, revela uma Sabedoria, uma Finalidade! Um passarinho! Um passarinho, esse ente tão pequenino, tão insignificante, é a prova evidente de um plano geral da natureza, de uma ordem preestabelecida! O passarinho não póde viver sem o grão que o alimenta, o grão não póde existir sem a terra, a terra não póde existir sem o sol; e, deste modo, por uma Sabedoria infinita, tudo foi intelligentemente creado em vista da existencia de um tão pequenino ser!»

Assim, os grãos, a terra, o sol, tudo foi creado para sustentar o passarinho; e, sendo o homem «a obra prima da criação,» tudo foi creado em vista do homem, isto é, para sua utilidade.

Um allemão, criticando esta interpretação da natureza, diz espirituosamente: «Os regatos das montanhas são estreitos e impetuosos porque nós não temos necessidade de os navegar; mas, nos valles, formam elles largos rios, cujas agoas correm lentamente, afim de servirem á navegação, provando a sua pre-

(1) E as injustas, quem as promulga?... Sem duvida o Diabo!...

destinação para o homem pelo facto verdadeiramente maravilhoso de passarem precisamente na vizinhança das grandes cidades e de as atravessarem mesmo algumas vezes!»

A lebre, por exemplo, diz a teleologia, tem pernas ageis *afim de que* possa escapar aos seus inimigos. O sol foi feito luminoso *afim de que* possa allumiar a Terra. A Terra recebe o calor do sol *afim de que* possa produzir a semente. A semente existe *afim de* alimentar o passaro. Tudo foi, pois, feito com plano intelligente, com sabedoria illimitada, obedecendo a uma ordem preestabelecida.

O darwinismo explica hoje satisfactoriamente todas estas questões, fazendo ver a perfeita inanidade da teleologia. A lebre não tem pernas ageis para correr; mas, justamente por possuir tal predicado é que ella tem podido escapar aos seus inimigos e perpetuar a sua especie. E' questão de adaptação ao meio em que vive. O sol não foi feito para allumiar a terra; se a terra recebe os seus raios luminosos e calorificos é porque está, em virtude das leis da attracção, situada á distancia conveniente. A terra não recebe o calor solar para dar nascimento á semente; a semente produz-se e subsiste justamente porque tem as condições de existencia compativeis com o seu meio. A semente não existe para alimentar o passaro; o passaro alimenta-se de grãos justamente porque a sua organização lho permite.

Não ha uma ordem na natureza, «de um modo analogo á constituição do homem e adaptada ás suas differentes necessidades», como pretende o distincto orador sacro. O homem é que adapta-se, no correr dos tempos, ao meio em que vive. A natureza não foi creada para o homem; este, adaptando-se ás condições da sua existencia, tira della os proveitos que póde, modificando-a na medida das suas forças. Não ha um plano geral, nem um fim determinado. «A natureza indifferente segue a sua marcha evolutiva, sem se preoccupar com as nossas alegrias ou com as nossas dores; impassivel, ella semeia em sua passagem a vida e a morte; e, como esse carro da divindade indica de Jaggernaut, que esmaga os miseraveis prosternados no seu caminho, ella calca desapiedadamente aos pés as fórmulas vivas que encontra. Incessantemente ella engendra novas fórmulas, as metamorphosea e destróe a sua propria obra para recomeçal-a.»

«A semente foi feita para alimentar os passarinhos, diz o sr. padre.» Na verdade, é maravilhoso! E é obdecendo a esta theoria que S. Ambrosio, um luminar da Egreja, diz, falando... da cêra dos ouvidos: «Até a sujidade dos ouvidos tem a sua utilidade, pois que serve para conservar a voz percebida: de sorte que,

graças á sua existencia, a recordação e o prazer de tudo quanto ouvimos fixam-se melhor.» O abbade Pluche no seo *Espectaculo da Natureza*, explica que as marés foram feitas para facilitar, nos portos, as entradas e sahidas dos navios de alto bordo... e que os mares são salgados afim de que as suas agoas não se corrompam!... Bernardin de Saint-Pierre, nas suas *Harmonias da Natureza*, diz que «as pulgas, onde quer que estejam, precipitam-se sempre nas côres brancas; este instincto lhes foi dado afim de que nós possamos apanhal-as mais facilmente!» E' realmente admiravel esta finalidade! Este ultimo auctor diz ainda que «o melão foi dividido em fatias pela natureza afim de ser comido em familia!» Oh! maravilha da criação! Até o melão tem o seo destino escripto desde a eternidade!...

Eis ahi onde chegam as theorias do sr. padre Julio Maria. Tudo, na natureza, obedece a um plano intelligente, diz elle. A ordem dos mundos prova a sabedoria do Creador. Mas, quem não sabe hoje que essa ordem é toda relativa á nossa existencia? Se o arranjo do Universo fosse outro, nelle descobriríamos uma «ordem.» «Um modo de existencia, diz perfeitamente Briard, é inseparavel da propria existencia. O mundo existe, existe de um certo modo, do modo por que o vemos. O que prova isto em favor de uma providencia? Para que se podesse affirmar que ha uma ordem na natureza, seria necessario comparal-a com outra cousa, o que é impossivel, pois que tudo está na natureza. Quando se diz: Ha uma ordem na natureza — não se faz mais do que reportar á natureza o que della mesma se tirou; não se diz na realidade mais do que isto: A natureza é como é.»

Quão longe está da verdadeira sciencia a theoria phantasista da finalidade! Por esta o sr. padre Julio Maria dirá, por exemplo, que o trevo vermelho foi creado para alimentar o gado na Inglaterra; ao passo que o darwinismo explicará esse facto dizendo que o trevo existe justamente em virtude da lucta pela existencia.

Eis como o Dr. Moniz Barreto, transcrevendo E. Haeckel, *Historia da Creação dos seres organizados*, descreve esse facto:

«O trevo vermelho, que na Inglaterra é a melhor forragem do gado, não póde fructificar sem a intervenção de insectos denominados *frelons*. Estes insectos, sugando o nectar no fundo das corollas das flores do trevo, determinam o contacto do pol-len com o stigmata e, portanto, a fructificação, que sem esse estímulo não se effectuaria, como bem o demonstrou Darwin em consecutivas experiencias.

«Ora, o numero de *frelons* depende do de seos inimigos, isto é, uns ratos chamados *campanhols* ou arganazes. Quanto mais cresce o numero desses ratos campestres, menos fecundado é o trevo. Porem a quantidade dos ratos depende da de seos inimigos, isto é, os gatos, que abundando nas villas e cidades, favorecem a existencia de bandos de *frelons* nesses logares.» Do mesmo modo pode-se explicar a existencia do gado que, longe de ser creado para nos fornecer o biffe, como quer a theoria teleologica, representa um esforço da selecção.

Fica, pois, perfeitamente demonstrada a completa inanidade da theoria das causas finaes, theoria absolutamente contraria ao que ensina a Sciencia, essa pobre Sciencia tão vilipendiada pelo clero, mas que é a verdadeira gloria do homem.

V

«O atheismo pratico de tantos que se dizem catholicos é uma prevaricação, um absurdo e um vilipendio.

«Quem dirá viva a religião d'aquelles que não ouvem missa, não se confessam, não cumprem os mandamentos ? !

«Conhecer a verdade e não pratical-a é a maior das miserias. Os catholicos de que se trata estão abaixo dos Phariseos.»

(QUINTA CONFERENCIA)

O thema desenvolvido na quinta conferencia, pelo sr. padre dr. Julio Maria, foi este : *O atheismo pratico*. O orador explica o que entende por atheismo pratico, em contraposição ao atheismo philosophico ou theorico. «Reconhecer Deos, mas não lhe prestar o devido culto ; acceitar as verdades religiosas, mas não pratical-as ; reconhecer a auctoridade da Egreja, mas não respeitar, nem guardar os seos mandamentos : eis o que eu chamo atheismo pratico, para mim mais absurdo, monstruoso e detestavel do que esse outro, no qual a ausencia da pratica religiosa é a consequencia da incredulidade do espirito.»

«Bem se comprehende, prosegue o orador, que esta conferencia é principalmente para um grande numero de catholicos, cuja conducta religiosa está em completa desharmonia com a fé que declaram ter, mas que de facto renegam, abstendo-se dos actos a que a mesma fé os obriga.»

As ovelhas do illustrado sacerdote não devem ter sahido muito satisfeitas com esta implacavel censura. «Cada um adora a Deos como póde e como entende, na sua consciencia», diz a maioria dos catholicos. «Não é necessario o padre para a confissão», dizem os protestantes ; «cada um póde confessar-se a Deos directamente, sem precisar de intermediario.» E os catho-

licos de que fala o orador acompanham nesta opinião aos seus rivais protestantes.

O padre, o clero diz que não basta «crer em Deus», que é preciso prestar-lhe o devido culto, servir-o. Mas como se serve a Deus? Como é que se lhe presta o devido culto?

O sacerdócio de cada religião intervém aqui neste ponto. O padre catholico entende que não se serve á divindade senão ouvindo missa, commungando, confessando-se, etc. Os protestantes não admittem a confissão auricular, isto é, entendem que não é isto necessario para servir a Deus.

Os diversos cultos religiosos differem tanto como as proprias religiões. Basta entrar num templo evangelico e num templo catholico para se ficar convencido das enormes differenças nos modos de prestar a Deus «o culto devido.» Estas differenças tornam-se profundas se, em lugar da religião evangelica e do catholicismo—duas religiões irmãs—considerarmos religiões que não tenham tão proximo parentesco. Nos templos primitivos da Africa equatorial presta-se culto aos fetiches offerecendo-se-lhes generos alimenticios, fructos, animaes, etc. Na Polynesia um dos meios de servir aos deuses é sacrificarem-se-lhes os animaes mais preciosos. Na India védica tambem são elles sacrificados a Agnisthoma. Os Carthaginezes, como os outros semitas, adoravam ao Deus Moloch ou Kronos sacrificando-lhes os seus primogenitos. Na India moderna serve-se á divindade depondo-se no templo objectos de ouro, de prata ou de cobre. Os Judeos tambem faziam sacrificio de animaes e da propria vida humana para agradar ao seu deus. Não vemos nós na Biblia, nesse famoso «livro da sabedoria», Abraham sacrificando o seu proprio filho Isaac para merecer «a graça do Senhor?»

Extranhos modos de servir a Deus! Entretanto, é esta a verdade.

Cada sacerdócio entende que o verdadeiro culto é o seu. A medida que a intelligencia se esclarece e a ignorancia se dissipa, a idéa de Deus vai se modificando e o culto que se lhe presta não pôde deixar de acompanhar esse movimento, apesar da resistencia conservadora e retrograda do clero. Mas as regras do culto, «o modo de servir a Deus», a interpretação dos acontecimentos ditos sobrenaturaes, os mysterios incomprehensíveis—tudo isto envolve os mais vitaes interesses do sacerdócio de cada religião. E' pelo culto que este se mantem. O clero, deste modo, é um dos mais poderosos factores das religiões. Elle tem tanta força que impõe-se como o proprio Deus. Não se pôde amar e servir a este senão por intermedio do padre. Elle

é o procurador divino. Deos não fala senão pela sua bocca : e quem não acredita no padre não acredita em Deos. Em nome deste elle condemna, absolve, contracta, promette, ensina, age e, sobretudo...recebe, diz espirituosamente Lefèvre.

«Não basta reconhecer a existencia de Deos ; é preciso prestar-lhe o devido culto».

Mas o padre é quem julga ; sem duvida em nome de Deos, do qual se intitula representante. E que meios temos nós de verificar a verdade dessa asserção ? O padre diz e está dito. *Credo quia absurdum*. Elle é que determina o «devido culto.» Elle é que sabe o que se deve fazer. Elle é que nos mostra o caminho da salvação. Elle é que nos ensina a praticar boas obras. Não podemos servir a Deos sem o seo intermedio. O padre é o medium do catholicismo do mesmo modo que o medium é o padre do espiritismo. As entidades sobrenaturaes não se dignam de falar com todo mundo : «muitos serão os chamados, porem poucos os escolhidos...»

O que seria do clero se todos os individuos tivessem a maravilhosa faculdade de communicar-se com o Infinito?... Pois não é evidente que a força, o poder da instituição sacerdotal decorrem da crença que têm os fieis na faculdade de poderem os padres communicar-se com Deos ? Esta maravilha é tamanha que, no catholicismo, o padre não contenta-se com falar ao Creador : faz o proprio Deos baixar sobre o altar !... Apre !...

O clero é que faz a religião, multiplica-lhe as ceremonias, complica-lhe o culto, forma-lhe e reforma-lhe o ritual.

«Ao lado dos cleros, já poderosos, e ordinariamente hereditarios, das tribus selvagens ou barbaras, a America conheceo organizações sacerdotaes perfeitamente acabadas, com celebrantes, sacrificadores, confrarias seculares e regulares concorrendo a pomposas ceremonias. No Mexico os grandes padres sagravam os imperadores. As immensas ruinas dos templos mostram evidentemente o lugar que occupavam entre os Aztecas, Maya e Quiché, os ministros de Tezcatlipoca, de Huitzilipochtli, de Quetzalcoatl, de Tonatiuh e de Tlaloc. Havia freiras em Izamal, no Yucatan, e vestaes em Cuzco, virgens santas reservadas para o divino esposo, isto é, para o sol ou para a sua encarnação terrestre, o imperador, chefe absoluto da hierarchia religiosa, militar e civil. Os padres peruanos fabricavam, com sementes de amaranto e sangue, comervas sagradas, uma especie de massa e de licores, devidamente benzidos, destinados á communhão dos fieis adoradores de Inti e Viracocha. Em Cundinamarca os Muyscas haviam realisado uma das com-

binações extravagantes em que teve primazia a idade media européa : dividiram a auctoridade entre um papa, dous reis e quatro eleitores. Os reis, o Zaquê e o Zippa, que residiam em Tunja e em Bogotá, exerciam, como os Shioguns japonezes, o poder effectivo ; mas reconheciam a auctoridade suprema do soberano pontifice installado na cidade santa de Iracá.»

Por toda parte o clero quer dominar, quer para si a supremacia do mundo. Quem não conhece a lucta constante da Igreja e do Estado, do poder espiritual com o poder temporal ? E é dizendo-se representantes de Deos na terra que os padres arrogam-se o direito de dirigir as sociedades, de intervir nos governos, de dominar soberanamente. (1) Lêde Guizot e vereis que, na Europa, a Igreja viveo sempre em lucta com os Estados. Ora vence o poder temporal, ora vence o poder espiritual. A Igreja, quando sentia-se fraca, cedia o seo poderio e continuava minando subterraneamente até o dia em que, sentindo-se forte, apoderava-se de novo do predomínio perdido.

«Não basta reconhecer Deos ; é preciso reconhecê-lo como manda a Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana.» E' preciso ouvir a voz do Senhor pela bocca do padre.—Mas este póde abusar !—Não ; não póde abusar, não póde errar. Temos ahi a infallibilidade do Papa. O successor de S. Pedro, quando fala como homem é que póde enganar-se ; mas, quando fala como Papa, é infallivel, porque é Deos que fala pela sua santa bocca.—Mas, quando é que elle fala como homem, quando como Papa ? Ha alguma differença no timbre da voz ?—Silencio ! Que direito tendes de discutir «os mysterios insondaveis da religião ?...» Que direito tendes de duvidar ? O padre é que fala a verdade. Obedecei ao padre.

Não basta adorar a Deos ; é preciso adoral-o como o entende o clero. E' preciso ouvir missa, commungar, confessar-se, fazer o que manda o padre. Na perpetuação destes actos, na continuação do culto externo, na celebração das ceremonias está a vida de todos os cleros, de todos os sacerdocios. Pugnando por tudo isto, luctando pela intervenção do padre em todos os factos da vida humana—no nascimento, no casamento, na morte, etc. etc.—o clero não faz mais do que manifestar o seo instincto de conservação. Quem não adora a Deos conforme as prescripções do padre ; quem dispensa a sua intervenção - é herege, é atheo !...

(1) E' para lastimar que, no Paraná, os republicanos estejam entregando aos padres as posições politicas mais eminentes, posições de onde estes defensores do passado, se forem coherentes e dignos, têm de atacar todas as grandes leis da Republica, como a separação da Igreja do Estado, o casamento civil, a secularisação dos cemiterios, a liberdade de cultos, etc., etc.

Mas quem é que se aterroriza hoje com taes anathemas ?
A evolução não se preocupa com estes preconceitos. Ella
segue impassivel a sua marcha, derribando os velhos prejuizos
religiosos e collocando em seo logar a deosa immarcescivel da
Verdade.

CHICHORRO JUNIOR.



LE PÉNITENT

Je suis le pénitent des mauvaises cités.
Dans les bouges honteux où coulent les rogommes,
Dans les quartiers lascifs de modernes Sodomes
Où le meurtre et le viol cachent leurs voluptés,

Quand j' introduis, le soir, mes regards attristés,
J' ausculte en frissonant les monstres que nous sommes ;
Je sens peser sur moi tous les crimes des hommes,
Et je pousse des cris vers les cieux irrités.

Semblable en mes clameurs aux prophètes bibliques,
Je vais, les yeux hagards, par les places publiques,
Confessant des pechés que je n' ai point commis.

Et le chœur vertueux des pharisiens brame :
— Soyez béni, mon Dieu, qui n' avez point permis
Que je fusse pareil à ce poète infâme !

IWAN GILKIN.

A EVOLUÇÃO

das artes nos tempos modernos

Trechos de uma obra sobre philosophia da Historia da Arte, de Carvalho de Mendonça.

(Continuação da pag. 48)

A preocupação unica da epocha moderna é o estylo.

De modo que a missão da poesia se subalterniza á uma preocupação em que os olhos e os ouvidos são os unicos juizes. Não é de emocionar que se trata hoje, é da muzica das rimas, da medida do verso, da expressão, em summa.

Feito um torneio de phrase sòante, é preciso procurar o que exprimir com ella:—tal é a triste situação actual da poesia.

D'ahi o resultado moral. Não é o poeta que procura pôr ao serviço de outrem os meios estheticos proprios a divulgar as demonstrações philosophicas com o fim de regenerar a sociedade. Pelo contrario, o que elle explora é a admiração de outrem pelos seus *meritos*, aliáz reduzidos á uma questão de exercicio das faculdades inferiores de expressão.

E como tal exercicio não pode ser effectuado sem o consumo exagerado dos capitaes humanos pela duração que elles exigem, resulta que a vaidade acrece a esterilisação dos resultados obtidos pelas classes que desempenham funcções mais uteis.

Ao ponto de vista economico e moral aggrava a admiração muitas vezes obtida pelos representantes da poesia degenerada da parte de um publico incapaz de ractificar seus erros e que os eleva á direcção suprema de negocios publicos. Esse vão titulo decide assim muitas vezes dos destinos sociaes por uma direcção inepta que é approvada pela anarchia da epocha. Inda não é tudo.

O egoismo e a estreiteza de vistas attingiram a um ponto tal, que os versejadores não raro declaram que só os move o prazer de fazer versos.

Desde, pois, que esse fim capital seja conseguido, a exclusão social fica consagrada, até mesmo intellectualmente, pois que o unico juiz da obra é aquelle que a produziu e para quem ella foi produzida.

O vacuo das concepções é assustador. De um lado uns idealizam, ou antes, descrevem puras affeições individuaes, nem sempre dignas, mas sempre incapazes de emocionar os outros. De outro lado, o mais torpe e revoltante *realismo* que arvora corruptamente em dogma a correcção dos vicios pela descripção de suas formas mais hediondas.

Paradoxo immoral e degradante, elle desconhece que a natureza humana pode fornecer uma realidade tão perfeita em vicios como em virtudes.

Se a natureza humana é mediocrementemente boa e má, se o problema a resolver é comprimir o egoismo elevando o altruismo, certamente não podem jamais offerecer efficacia alguma os meios que nos tornam familiares os vicios.

Os órgãos das tendencias egoisticas já são energicos de mais por sua propria natureza, e a exhibição constante de sua funcção, em vez de comprimil-os, tende ao contrario a desenvolvê-los. Euripides já dizia: «abominemos os que divulgando os males fazem os homens peiores.»

Demais, como o immoral realismo corrige o vicio senão apellando para doutrinas exgottadas? De feito, o que são as punições que dão ao vicio, senão uma consagração do *castigo* theologico, ou da metaphisica *lei das compensações*?

Se a virtude e o dever não merecem louvor, sua infracção merece censura. Essa, porem, como funcção negativa que é, não convem á poesia, que só deve abraçar o fim positivo, elevando o altruismo pelo só prazer que resulta de seu desenvolvimento, mostrando o bem que deve ser exercido pelo só facto de ser tal—mas sem temor do castigo, sem esperanza de compensação.

E' mui difficil na anarchia actual comprehender em algumas classes as chamadas *escolas* litterarias actuaes.

Ao naturalismo e realismo acrescentam-se os imitadores mesquinhos do grande lord inglez—ignorantes do movimento historico humano que só excepcionalmente podia suscitar a rapida idealisação da *duvida*.

Apenas surge hoje um *facto* novo no dominio de qualquer sciencia, a arte apodera-se avidamente da descoberta que tem de fornecer-lhe uma idealisação que o mundo social e moral

não lhe offerecem mais. Haja vista os romances actualmente inspirados no hypnotismo.

A epopéa dramatica está desprezada desde Manzoni. Os romances historicos repouzam nas narrações mais deturpadas que produzem o desvio da veneração dos grandes typos humanos. Danton foi assim calumniado pelo chefe da anarchia poetica dos ultimos tempos.

A chamada *eschola satanica* produz uma retrogradação de muitos seculos, enquanto seos coripheos debatem-se para se imporem á admiração do publico.

Não é só a falta de ideal que domina.

A decomposição chegou a destruir a capacidade para apreciar as obras primas da poesia.

A revolta contra o passado, que a principio embotou os revolucionarios para comprehenderem seos melhores representantes, elevou hoje em principio a ignorancia systematica, o abandono voluntario das obras primas da poesia passada.

E enquanto estas constituem o verdadeiro thezouro humano, repositorio dos grandes presentimentos scientificos e um meio de fraternisação universal, os actuaes verzejadores se degradam a ponto de não perceberem quão intimamente se liga sua incapacidade intellectual á sua inferioridade moral.

As composições que adquirem a fama de obras primas, concebidas sem fé, sem amor e sem convicção, só produzem uma aureola ficticia em torno de seos vaidosos auctores, para se ofuscarem rapidamente logo que elles desaparecem no tumulto.

A tragedia desapareceo completamente em uma epocha, cuja existencia publica só offerece dolorosos quadros de corrupção.

O drama, sem alimento concepcional, se exerce na exhibição theatral dos vicios privados mais repugnantes e arvora a immoralidade em divertimento habitual de espectadores ociosos. O romance se degrada cada vez mais com a idealisação das situações mais anormaes da vida humana.

No meio d'essa decadencia, que attingio a mais radical das evoluções affectivas, só ha um symptoma digno de nota.

A poesia fetichica—ou idealisação da natureza physica na poesia e na pintura—é o unico genero organico actualmente, mas que é cultivado expontaneamente, sem vistas de regeneração poetica.

(Continúa).

DO “FUNERAL”

(FRAGMENTO)

Macerados Levitas de roupagens negras, tendo os olhos circumdados de roxo, como altares de luto, entoam, com a voz tremula de supplica, a oração derradeira, deante o esquife noiteado.

O Côro, feito de corações votados ao supplicio do amor, livido, responde magoadamente, como se rezasse á tristeza de um crepusculo.

LEVITAS

Deos doloroso... Deos da Agonia...
A Dor abrio todas as portas,
E d'ella, ó Deos, que enche a existencia,
Essa alma acorde-a !

Vibra na terra a Melancholia
Seo plectro feito de almas mortas ;
Deos doloroso... Deos da Agonia...
Mizericordia !

CÔRO

Prantos e magoas, em penitencia :
Ave Maria...

†

LEVITAS

Deos doloroso... Deos da Agonia...
Foi o seo thalamo de noivo
Pelo corisco da Demencia
Iluminado.

A Alva tão branca lhe estremecia
De roxas petalas de goivo;
Deos doloroso... Deos da Agonia...
Que desgraçado...

CÔRO

Beijos e flores, em penitencia :
Ave Maria...

†

LEVITAS

Deos doloroso... Deos da Agonia...
Toda a celagem da ventura
Vibra psalterios de innocencia
Pelo infinito ;

Conduze-a ao templo d'essa alegria,
Que o ceo feral da sepultura,
Deos doloroso... Deos da Agonia...
E' um ceo maldito.

CÔRO

Psalmos e risos, em penitencia :
Ave Maria...

†

LEVITAS

Deos doloroso... Deos da Agonia...
A Dor sem termo, a Dor sem nome,
E' sentir na alma a persistencia
De um ferro em braza ;

E apoz o crepe do ultimo dia,
Depois que a Magoa nos consome,
Deos doloroso... Deos da Agonia...
A covaraza ?

CÔRO

Dores e tumbas, em penitencia :
Ave Maria...



LEVITAS

Deos doloroso... Deos da Agonia...
Abri mais alto essa guarida,
Onde a alma abraça a onnipotencia

De uma outra sorte ;
Se a vida é um claustro, deserta e fria,
Que uma alma encontre a alma querida,
Deos doloroso... Deos da Agonia...
Depois da morte.

CÔRO

Seios e boccas, em penitencia :
Ave Maria...

Setembro de 1893.

SILVEIRA NETTO.



O CONSORCIO DE CARMEN

A Julio Theodorico Guimarães.

Ruinas, em a desolação mysteriosa de finados, mirando so-
turnamente o ceo,—o mesmo olhar saudoso e incomprehendido
das alvas garças do Oriente, pouzadas nos minaretes mouriscos
das cidades do Islam. Dos escorralhos palustres dos lagos infe-
ctos sobem emanções lethiferas e fataes. Beirando antigas es-
tradas, intransitaveis, negros vestigios de muros, abrigando or-
tigas e trepadeiras selvaticas.

Laranjaes pujantes, floridos, assignalam chacaras, outrora
cultivadas com esmêro. De espaço a espaço, vestigios de habi-
tações confortaveis, aninhando passaros e reptis.

Anoitecia. Pelo azul delicadissimo deslizavam invisiveis
sylphedes, accendendo estrellas. Brizas ciciavam nenias melo-
diodas, e pyrilampos luziam, ziguezagueando.

Não havia procurar pouso habitado. Segui pela vereda
mais proxima, indo bater à mal cerrada porta. Ninguém. Mo-
veis de imbuia e pinho, cobertos de grossas camadas de pó,
guarneciam os aposentos, escassamente alumados ao tremulo
clarão merencorio da lanterna de um de meos camaradas. Te-
las suspensas dos muros, contaminados pela humidade. Em
um dos aposentos, a um tempo alcova e gabinete, gra-
ciosa escrevaninha com alguns livros de litteratura. E, como
adoravel reliquia, manuscripto, de poeta de vinte annos, des-
conhecido Sonhador talentoso,—singella narrativa, que subtrahi
ao abandono, e rezava assim :

O CONSORCIO DE CARMEN

Fui assistir, hontem, na capella de Sancta Cecilia, a cere-
monia religiosa do casamento de Carmen.

O ceo azul, purissimo, como caricia infantil, sorria delicio-
samente,—tacita prophesia sempiterna de ameno e consolador
futuro. No occaso, em apotheose, immergia o sol, silente e so-
berbo. Ultimos reflexos, maravilhosos, esbatiam na vidraçaria

das ogivas, illuminando a nave, o altar, a imagem placida do Nazareno ; e os arabescos e as columnatas surgiam da penumbra, em profusão phantastica de claros e sombras. Cirios ardiam, mysticamente.

Ajoelhados, cerviz dobrada ao peito, Carmen e Octavio, rezavam.

Homens, trajados de preto ; moças, garrulas e faceiras ; meninas, alegres e descuidosas,—acompanhavam os conjuges,—semblantes radiosos, regorgitando communicativo jubilo. Por fim, o parochio se approximou dos noivos, collocou-lhes a dextra sobre a estola, gutturalejou alguns vocabulos latinos, abençoou-os, unindo-os.

Estavam ligados para todo o sempre.

Parentes e amigos amplexaram-n'os, felicitando-os. E o cortejo retirou, por entre alas de curiosos ; emquanto, um a um, os cirios se extinguiram...

Fora, o azul purissimo, como caricia infantil, respingado de estrellas.

Carmen,—a mais linda menina destas circumvizinhanças,—apoz longos annos lutuozos, encontraria, alfim, o merecido galardão de suas virtudes.

Lembra-me ainda sua infancia.

Timida e casta, raro sahia que não fòsse acompanhada dos paes, em piedosas excursões, espargindo o confortante obulo da caridade, alliviando penas alheias,—os grandes olhos glau-cos, scismadores, animados de muita meiguice, silenciosa e modesta, agradecendo com o ingenuo sorriso das creanças as bençãos todas que sobre si desciam, quando semeava algures a consolação e a esperança.

Recebia assim mystica educação pratica, como se, pela familia, houvera sido consagrada ao claustro,—cinerario algido e soturno, aonde se vão fanar, despercebidas, meigas donzelas malaventuradas.

Os ensinamentos adquiridos na infancia reflectem nos actos das demais phases da existencia a luz benefica, ou maligna, das primeiras impressões. Só muito depois, quando as desillusões e as tristezas nos acabrunham fatalmente, crepizamos os suaves luars desse astro immaculo ;—eluctamos por não over, mau grado nosso, sempre scintillante,—como a estrella dos magos, apontando-nos o verdadeiro tramite. Os preconceitos sociaes estiolam toda creatura fadada para a Arte, ou dotada de organização delicadissima, e vibratil ás dulcidas emoções da alma. Ditosos os que, superiores a taes prejuizos, caminham

resolutamente na senda illuminada pelo luzeiro dos primeiros dias ! Esses, não teem sorrisos aos trinta annos ; porem, vivam todo um seculo, morrerão sem que uma unica lembrança impura se lhes projecte sinistra na consciencia.

O nascimento, por mais auspicioso, vota o ser pensante aos lugubres ergastulos da fatalidade. O Destino é, bem por certo, uma das leis da existencia.

Carmen não celebrara ainda o decimo anniversario natalicio, e a morte lhe arrebatava o pae.

Creança, não comprehendera o vacuo que se lhe abrira na vida, nem o como lhe seria penivel, desamparada de tão nobre amigo, continuar a peregrinação social, apenas encetada. Chorara instinctivamente, em face desse desconhecido que presentia, acerbo, desolador. Vestiram-na de negro,—ella, tão pallida, tão meiga, precocemente ciliciada pela desventura ;—falaram-lhe assumptos vagamente comprehensíveis, arrastada na extraordinaria azafama de tão sinistro acontecimento, adivinhando na consternada physionomia dos intimos dolente acabrunhamento piedoso para com sua orphandade.

A' noite, levaram o feretro onde repouzava o querido morto,—que as auctoridades civicas não consentiram se inhumasse durante o dia, por ter succumbido à variola...

A ignorancia popular quizera vedar-lhe o cemiterio ; mas a benevolencia de caridosas pessoas conseguiu não repouzasse o cadaver em sitio profano, longe das cinzas dos avoengos...

Amplexada á filha, chorava e soluçava a mãe de Carmen,—esquecida das phrases consoladoras que soia repetir cariciosamente aos vergastados de desolamento. E' que não ha confortos prematuros para os infortunios fulminantes ; e só o tempo mitiga,—porque só elle arrefece os sentimentos mais perduraveis, e apaga da tela das reminiscencias as côres vividas das imagens, deixando apenas leves vestigios suavissimos, brandos ancenubios, eterno immarcesciveis.

Como não fôsem abastados, perdera a familia de Carmen os confortaveis meios de subsistencia. Possuiam apenas a vivenda que habitavam. Para não esmolarem o pão, ou fallecerem à mingoa, cultivavam os terrenos da casa, plantavam a horta, penosamente, estafadas por excessivo labutar, a que não estavam costumadas. A' noite, até muito tarde, costuravam, refazendo velhas roupas esgarçadas, ou cozião bôlos de fubá de milho, ou trabalhavam em dôces e quindins.

Carmen, mais que nunca extremosa, se decuplicava, a reflexão precocemente desenvolvida,—sem outro ideal que o limi-

tado circulo de suas occupações de menina honesta, castissima. Ignorava os attractivos da sociedade. Não definiria o mal,—nem lhe passava nunca em a mente podesse existir algures sêr algum consciente capaz de, por malevolencia e torpice, contribuir para a infelicidade alheia. Não tinha ambições. Aceitava a vida como esta selhe apresentava; e sequer culpabilizava Deos ou o Destino, por tanta severidade immerecida.

Como todos os melancholicos, amava a solidão e a quietude.

O dolente badalar da Ave-Maria vibrava-lhe na alma, religiosamente; fitava o occaso em fogo, e embevecia-se,—olhos tumidos de pranto, saudosissima,—contemplando os matizados ancenubios inemitaveis dos crepusculos maravilhosos, com a mesma sympathica adoração profunda dos Arabes, no solenne momento do *Moghreb*...

Depois, era não sei que divagar prolongado e o inconsciente actuar da puberdade sobre o organismo. Tinha, por vezes, inexplicaveis desejos vagos, necessidade de alguem que a auxiliasse, que fôsse o amparo seo e da familia. Eram, por vezes, excessos de ternura, de abnegação exaltada, impetos de jenuflexar-se ás plantas da progenitora, de adoral-a de mãos postas, beijando-a muito, muito...

Raro appareciam os amigos do pae, azafamados sempre, desculpando-se, imprestaveis, inuteis. Entretanto, Carmen era sympathicamente apreciada, sem que o soubesse. De ha tempos, Octavio, — sonhador apaixonadissimo da Arte e dos martyres obscuros e ignorados, — assistia, scena a scena, o commovente drama, respeitoso para com tanta honestidade, resignação e heroismo. Era só; porque não estenderia a dextra a tão condigna e formosa creança?...

Amava-a?

Para que indagal-o? Não procurou sabel-o; não se quiz analyzar pacientemente. Era abastado. Tinha nas mãos o bem estar de duas creaturas adoraveis; talvez o seo.

Mezes depois eram noivos.

Carmen contava, então, dezeseis annos de idade.

Octavio adorava-a: Timida, castamente ignorante, affectuosa,—a alma se lhe reflectindo no crystal dos olhos glaucos e scismadores. .A mulher que idealizara, por magoadas noites de meditação e estudo. Carmen não teria nunca almejos que não fôsses os do esposo, orgulhos que o esposo não partilhasse, sorrisos que lhe não agradassem, prazeres que não fôsses os seus-

Octavio, porem, como todos os meditativos e sonhadores, quedava-se, não raro, largos minutos, abstracto,— scismando deliciosamente. A noiva, por vezes, o fitava, entristecida, intrigada, soffredora,—suppondo encontrar naquelles silencios sem causa, repetidos, desgosto para comsigo, arrependimento quiçá, quiçá tédio, ou o recordar de alguem mais que ella amada, quem sabe morta, ou conhecida ultimamente.

As mulheres têm quasi sempre intuição maravilhosa e, quasi sempre, mais cedo que o homem, conhecem motivos occultos que sobre nós agem poderosamente, sem que o presintamos.

As almas delicadas dos poetas trazem sempre algo de ideaes irrealisaveis, de anhelos insatisfeitos,— como se a fatalidade e o impossivel vazassem no transparente cadinho de nossas aspirações de moço philtros enervantes e dolentadores, que dão ao genio o tom melancholico dos arrabis musulmanos, a suave nostalgia indefinivel, a ternissima saudade das longinquas plagas de remoto paiz que não conhecemos, mas para onde vò a sempre a livida chorea de nossas aspirações profanadas, de nossas marcidas illusões perdidas...

Octavio padecia dessa enfermidade inlenitivante, pertinaz, progressiva... Não teria nunca o chiste-polichinello dos burguezes gaiatos. Todas as suas palavras, todos os seus sorrisos porejavam a funebre celagem da melancholia. Das peripecias mais pilhericas, das truanices mais quichotescas extrahia aromas funestos que respirava com resignação, sentindo sempre a lamina finissima da realidade e da tristeza penetrando nos corações mais refractarios ás magoas, mais mysoginos, mais embotados pela libertinagem .. Para elle, na blasphemia do bandido, ha excesso de soffrimento, no sorriso do cynico, pranto amarguradissimo ; em a perversidade do malevolo, fatal revolta contra seus proprios sentires... A Terra é vasto amphitheatro de malaventurados, aonde os seres vêem, não voluntaria e conscientemente, ciliciados pelo infortunio, arrastar a tunica de Nessus de suas imperfeições moraes.. Todos trazemos o sempiterno estigma do peccado original.

Carmen, porem, em sua candida ignorancia de simples honesta, não comprehendia a dor psychica das organizações doentias... Amava o noivo, era-lhe grata ; doia vel-o preocupado, meditativo... A lembrança de uma outra mulher povoava-lhe a mente, e se suppunha a causa de cruel infortunio,— ella que se sacrificaria para poupar as lagrimas de outrem, que jejuaria para metigar a fome de um mendigo, fòsse faccinora embora.

Chegara o dia do casamento.

O enxoval, cuidadosamente trabalhado, enchia as largas e fundas gavetas de commoda antiga, — velho movel de familia, que as acompanhava ha muito, e se habituara a ver da mais tenra idade. Alli estava tambem o seo vestido de noivado; e o veo de filó de seda branca, alvo, muito alvo, e a grinalda de flôres de lorangeira, — symbolico diadema, — que não occupara nunca, e não uzaria nunca mais !

A' tarde vestiram-na com esmêro, com carinho, attenciosos para comsigo, — encalistrada por indiscretos gracejos das tias, às vezes commovida e inquieta, ao lobrigar no semblante da progenitora positivos vestigios de abundantes lagrimas, vertidas furtivamente.

Moças de sua idade flauteavam-na, cortejando-a; umas pedindo-lhe o primeiro abraço, ao sahir da egreja, outras instando por um dos botões do ramallete, ou da grinalda.

E ella adivinhava, em sua candida ignorancia de simples honesta, todo um sacrificio dolorosamente desejavel, — o preciosissimo tributo com que pagaria as primicias da nova existencia...

Por fim, reunio o prestito festivo, seguindo caminho da egreja...

Fora, o azul, purissimo, como caricia infantil, sorria deliciosamente, — tacita prophecia sempiterna de ameno e consolador futuro.

Carmen, — a mais linda menina destas circumvizinhanças, — apoz tão longos annos tormentosos, encontraria alfim o merecido galardão de suas virtudes.

Seria realmente venturosa ?

1894.

DARIO VELLOZO.

A CAPELLA DE S. FRANCISCO

A capella de S. Francisco está situada em esplendida collina.

De um lado se descortina a casaria branca; do outro, o funebre panorama dos cemiterios, onde avultam tumulos esguios como pontos sinistros de exclamações da Morte.

Esta capella, primitivo sanctuario do povo, onde o povo ia levar as sinceras oblações da sua crença, nos bellos tempos em que a religião estabelecia, como um nivelamento entre todas as classes, reunindo-as n'uma solidariedade esplendida de sentimentos; em que as romarias de fé se succediam quasi diariamente; onde todos eram levados pela compuncção santissima do mesmo ideal religioso; — está quasi completamente abandonada.

Não mais se ouve o còro das ladainhas dos devotos de S. Francisco. O capellão, o velho e querido tio Moysés, foi substituido pelo padre, a crença simples, pela crença aristocratica dos sumptuosos templos de Roma.

Não mais aquella simplicidade primitiva, quando a fé morava em todas as almas e vivia em todos os corações.

Apezar d'essas substituições, a capella de S. Francisco conserva ainda, para alguns, como uma reliquia sancta, as lendas das superstições que sempre a envolveram n'um espesso veio de mysterios.

Contava-me tio Moysés, — o capellão e o zelador decano da capella, que ha muitos annos tentaram construir uma nova egreja n'aquelle local, em substituição á velha capella; porem só conseguiram levantar as paredes externas, que ainda a circumdam, e vão cedendo ás leis naturaes do tempo.

Diversas vezes organizaram procissões, e removeram S. Francisco para a egreja do Rosario, com o proposito de continuarem os trabalhos de reconstrucção; mas o santo protestava, fazendo desabar chuvas interminaveis, paralyando os trabalhos, castigando a impertinencia dos operarios.

Elle queria a sua capella com toda a simplicidade, queria viver entre aquellas quatro paredes velhas e esburacadas que lembravam a tradição do povo.

Até bem pouco tempo, quando alguma secca ameaçava esta cidade, os poucos devotos sinceros que ainda restavam, organizavam procissões e conduziam S. Francisco em passeio solenne. Todas as casas tinham as vidraças suspensas : o sancto ia passar. E quando o viam no seo habito de frade, austero e misericordioso, rispido e meigo, todos se ajoelhavam, mãos em supplica para o ceo, olhos ennevoados de lagrimas, n'uma prece afflictiva, n'um ciciar apressado de fé profunda.

Se o andor que o conduzia parava para descanso dos conductores, as creanças acercavam-se d'elle, como para ver melhor o S. Francisco, conhecer de *perto* o sancto que protegia seos paes.

Ah! mas como esse tempo de dulcidas illusões ja vae tão longe !...

No centro do espaço formado pelas paredes externas fica o cemiterio, onde eram sepultadas as creanças que morriam pagans.

Nos dias de festa, tornava-se notavel a romaria dos devotos que la iam cumprir promessas, levando velas de cêra, enfiadas de papel, flores, toalhas rendadas para o altar, sobre o qual avultava a imagem severa de S. Francisco, trajando um habito escuro, a cintura circulada por um cordão branco, pés calçados em alpercatas, segurando magestosamente o bordão.

Durante todo o dia a capellinha regorgitava de povo. A' noite, rezavam o terço. O còro das mulheres de todas as classes, que ficavam collocadas no corpo da capella, ia repetindo as palavras do capellão, n'um cantico melancolico e triste, que finalizava com uma supplica a S. Francisco pelas creancinhas que alli estavam enterradas, e que tinham morrido pagans.

O terror que incutiam os mysterios emprestados pela superstição do povo ás ruinas da capella de S. Francisco, inspirava-nos hoje simplesmente respeito.

Diz a tradição que alli existia uma enorme serpente com quatro cabeças, que tinha a cauda na egreja da matriz, (1) e alimentava-se dos corpos das creanças pagans, e alta noite, quando o *Espirito do Mal* percorre a terra, erguia as cabeças á altura da torre da egreja, escancarava as boccas para o ceo n'uma revolta impotente, contra quem a fez reptil.

A egreja da matriz, hoje Cathedral, estava n'essa epocha em construcção.

Dizia o mestre Bello, um velho sineiro muito amigo das historias de *almas do outro mundo*, que mais de uma vez fugira apavorado, perseguido pela serpente de quatro cabeças.

Quantas vezes eu e mais alguns collegas sahiamos do collegio, depois das aulas, e iamos remover as pedras das ruinas, para vermos a serpente.

Mas, qual! ella só podia ser vista pelos velhos, como dizia o mestre Bello; e voltavamos tristes, com desejos de ser velhos, para assim podermos ver a serpente encantada.

Fanados tempos,—ingenuidade sancta—quando se tinha a alma embalada pelas historias que nos contavam as nossas velhinhas sanctas, dos tempos em que havia palacios magicos, em que as fadas protegiam as creanças!...

Fanados tempos aquelles, de sancta ignorancia, em que acreditavamos na possibilidade da existencia de um palacio encantado!...

—

Diz ainda a tradição que, ás sextas-feiras, á meia noite em ponto, as creanças pagans enterradas na capella de S. Francisco choravam, e, se por ventura passava nessa occasião algum retardatario, dirigia-se ao local, e as baptisava pronunciando as seguintes palavras:

—«Eu te baptiso, se fôr homem, com o nome de Manoel, se fôr mulher, com o nome de Maria;—em nome de Deos, do Filho e do divino espirito sancto.» E a creança suspirava, e o silencio mortuario, interrompido por aquelles soluços, se extendia de novo algido e aterrador.

Hoje, quando me assento nas pedras frias d'aquellas grossas paredes, em ruinas, vergastadas pelo azorrague destruidor do tempo, vejo surgir dos tradicionaes escombros desolados, e erguer-se á altura dos olhos da minha alma, como a pavorosa serpente encantada, o meo passado, que é a tradição da minha felicidade.

JULIO PERNETTA.

RESPIGAS

8—ANATHEMAS, contos em prosa, de *Collatino Barroso*.
—Um volume. —Companhia Impressora—Rio de Janeiro, 1895.

Livro sincero e independente, a forma arabescada e symbolica,—livro de revolta, abrindo fundo na Alma a gangrena da Morte, algidizando o Coração para a suprema ventura:—o Nirvana!

Livro bizarro, hermeticamente fechado á obtusidade burgueza, á nullidade abelhuda que não comprehende e não digere,—pretenciosa e parva,—acanalhando a Arte, porque não comprehende a Arte, ridicularisando a Forma porque não sabe interpretar a Forma!

Livro de Iniciados, illuminado pela constellação do Satanismo e do Nephelibatismo,—onde fulge, por vezes, a negra pupilla de Rollinat, onde perpassa o magoado espectro de BELKISS,—ao baombar caballistico dos mysterios de Huysmans e João Barreira.

Livro de estreia,—OS ANATHEMAS affirmam a virilidade de um bello talento, a quem a meditação e o estudo emprestarão o cunho de feição mais sadia e mais nossa.

Passada para o auctor a phase *metaphysica*, entre nós caracterisada pela influencia da litteratura Europea, que tão bem responde ao nosso segundo estado d'alma—estamos certo, o poeta dos ANATHEMAS voltará os olhos para nossa Patria, procurando a *tonica* de uma litteratura que deve ser a da patria Brasileira. O auctor é moço, e aos moços que militam em a cruzada das lettras nacionaes está rezervado, em não longinquo futuro, o derruir da mesquita do Symbolismo...

O seculo XIX agoniza... agoniza nos estertores de uns preconceitos que fenecem, arrastando na morte o sombrio brial das funestas angustias inconsolaveis...

O seculo XX dará á litteratura nacional uma feição mais robusta e mais nossa.

O Seculo XX trará o esmagamento do partidarismo, em favor da Humanidade...

Os ANATHEMAS appareceram para a insaciabilidade publica em o momento psychologico: São um dos espectros esbatidos no marmore dos Tempos pelo reflexo da Alma contemporanea... São um livro cosmopolita, desabrochado funebremente para o *Dé-profundis* da Loucura... Tem paginas de lucidez extraordinaria, imagens de nitido relevo impressionista.

Viagem á Dôr, Homens, Lagrimas, Lucifer, Magoas, Enfermo, Só, Jesus e Lazaro, agradaram-nos sobejamente.

Entre os outros contos, alguns ha, como o *Virgens*, que não nos deram a mesma impressão deliciosa e profunda.

Nas *Historias loucas*, ha, a par de trechos bellissimos, outros que nos parecem deslocados, como aquelles, á pg. 20: «De todas as historias» e etc., até: «ha a blandicia de um carinho» e á pg. 21: «Mas, como uma metade» até: «prodigose interdito».

Em obra de arte, o effeito esthetico é sempre prejudicado pelo pormenor impertinente, pelo philosophismo dogmatico.

Nesse mesmo conto, achamos de uma vulgaridade indesculpavel, tanto mais que o auctor é quasi sempre de uma originalidade surpreendente,—o seguinte trecho:

«Como um pendão de combate, roto e abatido, via caída, rota, a bandeira do Futuro, antes despregada em acenos, hoje tinta do meo sangue.» (Pg. 23)

Emtanto, logo a baixo, o seguinte, burilado magistralmente:

«A Morte babujou-me um osculo immundo. Rezava o mar, ajoelhando-se na vaga... Chegava de longe a sua monodia...» (pg. 23)

Ha nestas palavras o sopro divino que chorava nos versiculos de Job e nas *Lamentações* de Jeremias...

No *Só* ha phrases que nos lembram aquelle sentencioso dizer de *Zophezanim*, na *BELKISS*, de Eugenio de Castro; por exemplo:

«Os meos olhos são duas tumbas alumiadas por dous cirios.

«E tudo isto vejo pelo espelho da alma.»

Na *Casa do Diabo*, cremos, está erroneamente empregado o feliz neologismo:—*distentaculisar*... *Distentaculisar*, não exprimirá: *tirar os tentaculos*?... ao envez de: *distender os tentaculos*?...

Nos *Tumulos*, o *symbolismo das Flôres* nos fez lembrar o *symbolismo das Lagrimas*, no *Lacrimatorio*, das *BALLADILHAS*, de Coelho Netto.

Insignificantes senões existem, que o auctor emendará mais tarde, e em nada depõem contra o talento de Collatino Barrozo.

Os ANATHEMAS, como dissémos, são um bom livro de estreia, muito lucidamente definido pelo auctor :

« O entusiasmo tem que ceder á reflexão, que o excesso de luz faz tonturas á vista. Ha aqui neste livro, eu o sei, um dispendio abusivo de imaginação, que se explica, pela idade e pelo temperamento. Estas paginas marcam um estadio no caminho que temos de seguir. Eliminal-as, seria deslocar um marco que nos assignalará depois a distancia percorrida. »

De accordo.

E ahi deixamos, sinceramente enunciada, se bem que muito deficientemente,—não a critica do livro ; porem, nossa opinião a respeito,—agradecendo ao auctor a delicadeza com que nos distinguio. (Janeiro—1896.)

9—ALMANACH DO PARANÁ, de Romario Martins.—Edictores Annibal Requião & Comp.—Coritiba, 1896.

E' uma tentativa digna de applauso. Traz algumas *Indicações uteis*, uma *Parte litteraria* regularmente desenvolvida, e uma nitida e graciosa photographia.

Romario Martins esforçou-se por dar um bom *Almanach* ; a falta de regularidade na impressão, cremos, tolheo-lhe a bôa vontade, coagindo-o a supprimir numerosas indicações, afim de que o ALMANACH não apparecesse demasiadamente tarde.

Estamos certo que, no anno vindouro, o ALMANACH DO PARANÁ muito se recommendará ao publico,—apresentando a par de uma collaboração valiosa, numerosas indicações uteis, uniformidade typographica e excepcional criterio na revisão.

Agradecendo a distincção que lhe merecemos, enviamos nossos emoras aos esforçados moços.

Com o Cenaculo

Lemos no D. QUICHOTE, n. 47, de 18 de Janeiro de 1896.

« O CENACULO, a brilhante revista paranaense, 9.º fasciculo do 4.º anno. Destaca-se na sua summula o *Benedicto Buzina*, apreciavel conto de Julio Pernetta. »

Do PÃO (Ceará,) n. 30. de 15 de Dezembro de 1895 :

« O CENACULO —fasciculo 7.º— Cada vez mais bem orientada e interessante, continua essa bella publicação paranaense. O

presente fasciculo tanto tem de variado como de attrahente. Acompanha-o o retrato e biographia do exquisito poeta Belga, Iwan Gilkin, auctor da *Damnação do Artista* e do *Satan*, dous livros suggestivos onde vibram os nervos de um torturado e tresloucado pela arte moderna.

Dario Vellozo, Silveira Netto, Jean Itiberé, Julio Pernetta e Romario Martins firmam magnificos trechos de prosa e verso nesse numero do CENACULO, que está, como já dissemos,—variado e bom.»

Da *Cidade do Rio*, de 18 de Janeiro de 1896 :

«Recebemos o 9.º fasciculo do CENACULO, revista Paranaense, com trabalhos dos seus redactores Dario Vellozo, Leoncio Correia, Antonio Braga, Julio Pernetta, Silveira Netto e outros.

«Destaca-se desse magnifico numero um soneto de Dario Vellozo, o discipulo do admiravel primeiro poeta brasileiro Luiz Murat, esse que, até fim de Janeiro, dará o segundo livro das suas *Ondas*. Obrigados.»

Da *Madrugada* (Lisbôa), de Janeiro de 1896 :

«*O Cenaculo*, é outra revista que nos prende por alguns instantes a attenção, porque representa o trabalho forte e delicado de um intelligente grupo que tem o cuidado de fazer florir as lettras num meio em que, apezar de acanhado, existem muitos engenhos dignos de commemoração nas paginas de uma historia litteraria.

«E' que esses distinctos confrades comprehendem certamente que as lettras fazem a gloria de um paiz e, se honram quem as cultiva, não menos resplandecem sobre a patria que é o seu berço. Parabens, pois, a Dario Vellozo e seus dignos companheiros.»

Recebemos a *Nova Revista*. No proximo numero emitteremos juizo a respeito.

Agradecidos.

Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

Sempre que fôr possível, a Redacção dará traços biographicos de personagens conhecidos nas Lettras, Artes, Sciencias, Industrias e etc., acompanhando-os do retrato do biographado.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da bôa vontade da Redacção, será restituida aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

Preço da assignatura :

Semestre.	6\$000
-------------------	--------

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre..

Venda avulsa :

Fasciculo	1\$500
Fasciculo de mezes atrasados	2\$000

EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua *SILVA JARDIM*, n.º 408.

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.